

O homem e a morte

Ao Homem disse, um dia, a Vaidade excitante:
 — «És o rei da criação! A Terra toda é tua!...»
 O Orgulho comparece e, presto, continua:
 — «Ave, senhor da vida, altíssimo gigante!...»

Na sombra espessa, em torno, a Descrença acentua:
 — «Nada existe, afinal, sem teu cetro brilhante!...»
 E a Fortuna declara: «Ordena, comandante!
 Do meu áureo poder ninguém te destitua!...»

E o Homem dá-se todo à carreira ilusória,
 Bradando para os Céus em delírios de glória:
 — «Deus, se existes, oh! Deus, jamais me sobrelevas!...»

Mas a Morte aparece e, num simples segundo,
 Vê-se triste e sózinho o monarca do mundo,
 Intimado a pensar no silêncio das trevas...

JOSÉ CIRILO CHAGAS

Recordações em Leopoldina

A sombra amiga destes montes calmos,
 Meu pobre coração de anacoreta,
 Amortalhado em fina roupa preta,
 Desceu à escuridão dos sete palmos.

Viera o fim dos sonhos intranquilos,
 Entre grandes e estranhos pesadelos,
 Satisfazendo aos trágicos apelos
 Da guerra inexorável dos bacilos.

A morte terminara o horrendo cerco,
 Sufocando as moléculas madrastas...
 Eram milhões de células nefastas,
 Voltando à paz do túmulo de esterco.

Indiferente aos últimos perigos,
 Meu corpo recebeu o último beijo
 E comecei o lúgubre cortejo,
 Sustentado nos braços dos amigos.

Em triste solilóquio no trajeto,
Espantado, fitando as mãos de cera,
Rememorava o tempo que perdera,
Desde as primárias convulsões do feto.

Porque morrer amando e haver descrido
Do Eterno Sol, do qual vivera em fuga?
Como é sombrio o pranto que se enxuga
Pelo infinito horror de haver nascido!...

Depois, vi-me no campo onde a dor medra,
Ao contado do chão frio e profundo,
Chegara para mim o fim do mundo,
Entre as cruzes e os dísticos de pedra.

Terrível comoção pintou-me a cara,
Na escabrosa cidade dos pés juntos,
Tornara-se defunta, entre os defuntos,
Toda a ciência de que me orgulhara.

Trêmulo e só no leito subterrâneo,
Sentia, frente à lógica dos fatos,
O pavor dos morcegos e dos ratos,
Dominar os abismos de meu crânio.

Meus ideais mais puros, meus lamentos,
E a minha vocação para a desgraça
Reduziam-se a mísera carcaça
Para o açougue dos vermes famulentos.

Em seguida o abandono, enfim, do plasma,
Os micróbios gritando independência...
E tomei nova forma de existência
Sob a fisiologia do fantasma.

Fugindo então ao gelo, à sombra e à ruína,
Do caos sinistro em que vivi submerso
Revelou-se-me a glória do universo,
Santificado pela Luz Divina.

Oh! Que ninguém perturbe os meus destroços,
Nem arranque meu corpo à última furna,
E' Leopoldina a generosa urna,
Que, acolhedora, me resguarda os ossos.

Beije minhalma alegre o pó da rua,
Deste painel bucólico e risonho,
Onde aprendi, no derradeiro sonho,
Que o mistério da vida continua...

Bendita seja a Terra, augusta e forte,
Onde, através das vascas da agonia,
Encontrei a mim mesmo, em novo dia,
Pelas revelações de luz da morte.

AUGUSTO DOS ANJOS